

Educação Ambiental & Desenvolvimento Sustentável

Coletânea de artigos

Fabio Ortiz Jr

a Vilvanita Dourado de Faria Cardoso, pelo norte,

a Marcel Bouquet, pela luz,

a Carmem Lucia Soares, pelo caminho.

Mestres e, sobretudo, educadores.

A guisa de apresentação (pós-escrito, Dez 2006)

Esta coleção de artigos foi primeiramente pensada como uma contribuição mensal ao jornal Correio da Serra, recém-criado quando conheci o município de Santo Antonio do Pinhal, no começo de 2000.

Bastaram-me duas ou três visitas à cidade e algumas conversas afortunadas para perceber a necessidade e a importância da valorosa iniciativa de Claudemir Oliveira, o Viola, dono da Viola Pães & Doces, e de Ana Paula Costa, jornalista e dona da Casazul Modas, que juntaram forças na criação de um informativo independente e sério, voltado para o amplo interesse da comunidade local. Tanto quanto me lembro, meses depois, em visita à redação, ofereci-me para colaborar graciosamente com o jornal, criando uma coluna que procurasse esclarecer a população quanto aos riscos de vermos perdida talvez a derradeira oportunidade para a criação de um futuro minimamente saudável para Santo Antonio. A Ana, generosamente, aceitou de imediato e aguardou.

Os temas, eu supunha, deveriam ser tratados e desenvolvidos de forma a aliar seriedade e leveza, conteúdo denso e facilidade de compreensão. Não sei se consegui e há aqui algumas explicações que julgo necessárias.

Primeiro, eu ainda morava e trabalhava em São Paulo. Segundo, ainda não tinha a visão suficientemente clara do que pretendia realizar com a aquisição do sítio feita em Abril daquele ano (foi muito interessante observar a evolução das idéias nos meses subsequentes). Terceiro, os anos seguintes foram tão pródigos em atribulações e dificuldades de toda ordem que só por milagre (aliás, uma sucessão deles) o sonho não se inviabilizou. De sorte que foi somente em Agosto de 2005 que encontrei tempo e tranquilidade para escrever.

Como poderá ser percebido no decorrer da leitura, nos primeiros quatro artigos ensaiei, tateei numa possível aproximação cautelosa entre um público indefinido (agora regional) e o conhecimento que desenvolvi em mais de cinco décadas de ricas e dramáticas experiências. Mas eles serviram bastante bem para diluir minhas dúvidas sobre o que escrever e para quem. A partir do quinto artigo minha escolha estava feita: formadores de opinião, agentes de transformação.

Devo confessar que minha oferta de colaboração não era tão desinteressada quanto poderia parecer lá nos primeiros parágrafos acima. Depois de viver 50 anos em São Paulo, viajar muito pelo Brasil e um tanto pelo mundo, ser geólogo depois de editor e livreiro, mais tarde analista de sistemas e consultor de corporações, mas sempre sobretudo professor, agora retomando as raízes das geociências pela visão ambientalista para resultar enfim em um educador ambiental, decidi viver os próximos 50 em Santo Antonio e sua bela região, por certo acaso felizmente esquecida pelo "crescimento econômico" nos últimos 30 anos. Interessa-me que as pessoas comprehendam que não é possível ocupar desordenadamente os espaços vitais, não é possível apropriar-se predatoriamente dos recursos que a natureza ainda oferece, não é possível eliminar outros seres e outras espécies como se fossem lixo, não é possível pensar que tudo é como sempre foi ou que será sempre como é, não é possível consumir a vida do planeta Terra e esperar que tudo continue a parecer que sempre estará bem e imutável, não é possível prosseguir neste modelo insano e irresponsável de "desenvolvimento" e "progresso" sem aniquilar qualquer expectativa de futuro para as próximas (e talvez poucas) gerações que nos sucederão. Penso mesmo que no ritmo em que a carruagem desanda, provavelmente nós mesmos pagaremos o preço. É terrível e é real.

Ah, sim, o sítio: nele eu e algumas pessoas de muito boa vontade estamos criando um centro de educação e pesquisas ambientais. Traremos crianças, estudantes, turistas; afinal, mantemos e nutrimos a esperança de futuro, mas com os pés no presente.

Democracia e Utopia (1)

Artigo 31, publicado no Correio da Serra, Santo Antonio do Pinhal, SP, edição de Dez 2008

Capítulo Dez: abordemos enfim, como clímax desta jornada, a relação entre Democracia e Utopia, assuntos que fazem tremer a muita gente.

Alguns de nós desde cedo na vida dispomos-nos a carregar um pesado fardo, a idéia e a ação de "ajudar".

Intenção e gesto nem sempre caminham juntos, pois há, mesmo entre os de aparente boa-vontade, uma certa confusão entre o que venha a ser verdadeiramente "ajudar" (em geral "ajudar a alguém") e a mera extensão de suas próprias necessidades ou mesmo irreconhecidas carências pessoais (a sua, digamos, "agenda secreta").

A construção do discernimento necessário para se distinguir entre uma coisa e outra não é simples e não é fácil. Para todos nós, a primeira tarefa reside em, antes de mais nada, ajudar-se a si próprio, reconhecendo-se. Do ponto de vista psicanalítico, "conhecer" é "nascer novamente", com uma ampliada e nova mente.

Qual o seu sonho? O que você mais deseja realizar? Que sentido você procura dar à sua existência?

Estas são perguntas essenciais e valem para todos, são universais no mundo humano; já as respostas que valem para você só poderão ser dadas por você mesmo.

No entanto, ao olharmos para o conjunto destas respostas humanas e ao lhes extraímos o sentido geral, espécie de óleo essencial, veremos que elas de alguma forma expressam o mesmo desejo.

O divertidíssimo Quino (Joaquín Salvador Lavado, 1932, argentino), genial humorista gráfico e arguto observador do cotidiano, assim expressou este pínto essencial (à Fernando Pessoa, um dos maiores

poetas em língua portuguesa) pela voz de sua personagem Mafalda:

"Justo a mim me coube ser eu!"

Eduardo Galeano (1940, uruguai), combativo jornalista e escritor, grande apreciador do Brasil e da brasiliadade, assim nos lembra:

"Somos o que fazemos, principalmente o que fazemos para mudar o que somos... A primeira condição para modificar a realidade consiste em conhecê-la."

São as respostas e as ações (conscientes ou não, saudáveis ou doentias) decorrentes daquelas perguntas essenciais acima que **fazem do mundo humano aquilo que ele é**.

A maneira como vemos a nós mesmos e aos outros, a maneira como estabelecemos nossas relações e nos apropriamos dos espaços vitais, podem ser conhecidas pelos aspectos do conhecimento (pontos de vista sobre a realidade) a que chamamos de filosofia, psicologia, geologia, ecologia, economia, política.

Desde que diferenciou-se das outras humanidades e tornou-se *Homo sapiens*, há mais de 150 mil anos, a nossa humanidade experimentou diversas formas de agrupamento e associação, passando pelos clãs familiares, pelas tribos, reinos, impérios e agora enfim pela república.

Bem ou mal, emergimos do século XX, onde duas guerras planetárias foram travadas ao lado de inúmeras guerras localizadas, para iniciarmos o século XXI imersos na maior crise civilizatória que poderemos jamais ter enfrentado, onde o único e real inimigo visível somos nós mesmos e nossa até aqui incurável estupidez.

Não bastante, esta crise longamente gestada produziu, ou agravou, uma até aqui imensamente desconhecida crise ambiental. Namoramos nossa extinção

ou, numa hipótese amena, nossa drástica redução, acompanhada da real extinção de inúmeras espécies de que dependemos e da redução dos espaços vitais que vêm constituindo, há muitos milênios, o nosso maravilhoso habitat proporcionado por uma trégua geológica da Terra.

Nossas possibilidades dependem em larga medida de nós mesmos; não como se fôssemos o centro do universo, não como se Deus tivesse criado o universo e a Terra apenas para nos servirem, não como se tivéssemos que lutar contra a natureza para subjugá-la (o que de resto cria o campo fértil para o *isolamento* e o *desenraizamento* que produzem o totalitarismo mencionado nos artigos anteriores). Mas sim revelando e valorizando aquilo que emergirá daquele conjunto de respostas às questões essenciais mencionadas: o profundo e básico desejo de realizar-se e de fazer parte, *o sentimento de pertença*.

Isto depende de nosso sistema de crenças, da forma como nos vemos e ao outro, da forma como estabelecemos nossas relações e nos apropriamos dos espaços, sejam físicos, sejam temporais, sejam sociais.

Disse Winston Churchill (1874-1965, inglês), militar, estadista, historiador, que conseguiu unir e mobilizar a Inglaterra na resistência ao nazismo:

"Ninguém pretende que a democracia seja perfeita ou sem defeito. Tem-se dito que a democracia é a pior forma de governo, salvo todas as demais formas que têm sido experimentadas de tempos em tempos..."

Em uma versão menos publicável para a época, teria dito: *"Democracia... é uma m*, dá trabalho, não é mesmo? Mas, infelizmente, ainda não inventamos nada melhor"*.

Frank Herbert (1920-1986, estadunidense), escritor, criador da saga "Duna", uma das obras mais completas e profundas já vistas, nos lembra:

"A vida não encontrará razões para se manter, não será uma fonte de respeito mútuo, a não ser que cada um de nós resolva emprestar-lhe tais qualidades."

No próximo artigo avançaremos nesta reflexão.

Feliz Natal a todos e um Ano Novo pleno de sonhos e realizações, na paz, na saúde e na pertença.

Democracia e Utopia (2)

Artigo 32, publicado no Correio da Serra, Santo Antonio do Pinhal, SP, edição de Jan 2009

Capítulo Dez: aprofundemos nossa reflexão sobre a relação entre Democracia e Utopia.

Nos artigos anteriores tratamos do estado do mundo humano como resultante dos anseios (sonhos felizes ou pesadelos) de todos e abordamos a crise atual, algumas formas de governo, a democracia, o desejo humano básico e a responsabilidade de cada um e de todos.

O iluminoso Albert Einstein (1879-1955, alemão), físico, matemático, pensador, violinista amador, um dos maiores gênios que a humanidade já revelou, continuará ainda por muito tempo campeando a jornada humana. Disse ele:

"Em tempos de crise só a imaginação é mais importante que o conhecimento."

Einstein não se furtou a suas responsabilidades de cidadão e cientista, expondo sua visão em inúmeras ocasiões. Poucos sabem que ele foi expulso de sua escola, quando estudante, reprovado em Física por conta de um professor e de um método extremamente autoritários. Pretendendo aferir o aprendizado de seus alunos a respeito de um tema apresentado, o professor deu-lhes um problema a resolver. Enquanto os outros alunos escreviam e calculavam, Einstein, folha em branco à sua frente, refletia absorto em pensamentos. Pouco antes de terminar o tempo dado, passou a escrever e afinal entregou sua prova. Corrigidas, na aula seguinte elas foram mostradas aos alunos; Einstein recebera zero.

O testemunho é de um colega seu, mais tarde também um reconhecido cientista: Einstein contestou sua nota, afirmindo que sua resposta estava correta e merecia nota máxima. O professor reafirmou a reprovação, dizendo que ele não respondera à questão, sua resposta estava errada. Einstein então

demonstrou que havia respondido à questão de dez maneiras diferentes entre si, todas elas chegando ao mesmo e correto resultado, como o do professor. A discussão terminou com a reprovação final e expulsão de Einstein da escola.

Mostrando sua total compreensão do assunto (a história toda não cabe aqui), ele havia resolvido o problema de dez maneiras diferentes, exceto da forma que o tal professor **esperava** que os alunos o fizessem (na verdade, mera reprodução do que ele os havia **treinado** a fazerem). Einstein mais tarde explicou que, embora soubesse o que o professor queria, recusara-se a fazê-lo porque não julgava aquilo prova de aprendizado, mas apenas de mera repetição e não verdadeira educação.

Muitos anos depois, já famoso e tendo recebido por duas vezes o Prêmio Nobel de Física, não furtou-se também a uma provocativa e humorada reflexão quanto aos rumos da humanidade:

"Só há duas coisas infinitas no mundo: o universo e a estupidez humana. Mas não estou bem certo quanto à primeira."

Suas reflexões espalharam-se sobre inúmeros aspectos da vida humana como a ciência, a música, a filosofia, a educação:

"A mente que se abre a uma nova idéia jamais volta a seu tamanho original."

"Uma pessoa inteligente resolve um problema, um sábio o previne."

E também pela política:

"... sob certas condições, os capitalistas privados inevitavelmente controlam, direta ou indiretamente, as principais fontes de informação (imprensa, [tv] rádio, educação). É então extremamente difícil, e na maior parte dos casos na verdade quase impossível, para o cidadão individual chegar a conclusões objetivas."

"O meu ideal político é a democracia, para que cada homem seja respeitado como indivíduo e nenhum venerado."

A respeito dos desafios da imaginação e da ousadia da transformação, George Bernard Shaw, escritor irlandês já aqui citado, nos disse:

"Algumas pessoas vêem as coisas como elas são e se perguntam: Por quê? Eu sonho com coisas que nunca existiram e me pergunto: por que não?"

Fernando Pessoa (1888-1935, português), poeta e escritor, talvez a estrela mais brilhante da língua portuguesa, refletia:

"Alguns têm na vida um grande sonho e faltam a esse sonho. Outros não têm na vida nenhum sonho; e faltam a esse também."

Já o escritor uruguai Eduardo Galeano nos traz à reflexão o seguinte relato:

"A história passada está de pernas para cima porque a realidade anda de cabeça para baixo. E não apenas no sul da América: também no Norte. Quem, nos Estados Unidos, não conhece Theodore Roosevelt? Este herói nacional predicou a guerra e a praticou contra os fracos: a guerra, proclamou Roosevelt, purifica a alma e melhora a raça. Portanto, recebeu o Prêmio Nobel da Paz. Em compensação, quem conhece, nos Estados Unidos, Charles Drew? Não é que a história o tenha conhecido, simplesmente jamais o conheceu. No entanto, este cientista salvou muitos milhões de vidas humanas desde que

suas pesquisas tornaram possíveis a conservação e transfusão de plasma [sanguíneo]. Drew era diretor da Cruz Vermelha nos Estados Unidos. Em 1942, a Cruz Vermelha proibiu a transfusão de sangue de negros. Então Drew se demitiu. Drew era negro."

Daqui a poucos dias de quando escrevo, 67 anos depois, Barack Obama, negro e presidente eleito, assumirá a presidência dos Estados Unidos da América. No Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, nascido nas parcelas mais humildes da população, a 2 anos do término de seu segundo mandato governa o país em meio a grave crise mundial reconhecido, aplaudido e sustentado por 80% dos brasileiros. Não é pouca coisa; ajudêmo-los, com ações e com críticas que construam.

Continuaremos na próxima.

* * *

Em tempo: Einstein não recebeu o Nobel de Física por duas vezes, embora o merecesse (o único físico a consegui-lo foi John Bardeen, estadunidense). Einstein recebeu o Nobel de 1921 (só anunciado no ano seguinte) por conta de sua explicação para o efeito fotoelétrico. O ano de 1905 é conhecido como o seu "Annus Mirabilis", ano miraculoso, já que aí publicou quatro dos mais importantes artigos científicos do século 20 sobre o efeito fotoelétrico, o movimento browniano, a relatividade restrita e o conceito de massa inercial (resumido na famosa equação $E=mc^2$).

Democracia e Utopia (3)

Artigo 33, publicado no Correio da Serra, Santo Antonio do Pinhal, SP, edição de Fev 2009

Capítulo Dez: mergulhemos na reflexão sobre a relação entre Democracia e Utopia.

A palavra "*utopia*" não existiu até o inglês Thomas Morus (1478-1535) tê-la criado, ao publicar em 1516 a obra a que deu o título de "*A Utopia*".

Embora escrita em Latim, por erudição e cautela de Morus (na verdade Thomas More para os ingleses), "*A Utopia*" fez rápido e crescente sucesso à época e muito mais depois.

Nela, na forma de um diálogo travado com um marinheiro muito viajado junto aos descobridores e exploradores de novas terras de então, Thomas Morus descreve uma nova e paradisíaca ilha onde haveria uma sociedade perfeita, livre de qualquer constrangimento, miséria ou doença, gozando de abundância num espaço desprovido de mal.

Sendo "de família não-célebre, mas honesta" e um homem de estado, das leis, advogado, professor, parlamentar, diplomata, embaixador do rei e escritor, foi também um pai carinhoso e libertário, um amigo bem-humorado que transitava pelos perigosos caminhos das ligações com o poder e é reconhecido como um dos maiores humanistas de seu século e também da história humana.

Terminou como mártir, condenado e executado pelo rei Henrique VIII, a quem tão lealmente servira, tendo-se recusado a trair seus ideais humanitários e suas convicções cristãs.

Morus, por sua paixão pela verdade, sua retidão e exemplo de vida, foi beatificado em 1886 e finalmente canonizado em 1935. Em 2000, João Paulo II o proclamou "patrono dos governantes e dos políticos".

Cabe-nos, sem assombro, indagar quem, dentre os políticos e governantes existentes aos milhares, alguma vez na

vida sequer ouviu falar de Thomas Morus, que dirá conhecer-lhe a obra e importância.

Ao criar a palavra "*utopia*", Morus tomou os radicais gregos "*tópos*" (que quer dizer "*lugar*") e "*ou*" (um advérbio de negação), atribuindo assim à nova palavra o literal significado de um "não-lugar" ou "em lugar algum", nenhures. Mas é possível ver-lhe ainda um outro sentido: "*eu*" (em Grego, "*verdadeiro*", "*bom*") e "*tópos*" ("*lugar*") a representar "o lugar verdadeiro", o "bom retiro".

Embora "*utopia*" fosse um termo novo, seu significado profundo não o era, pois há milênios filósofos, poetas, escritores e homens públicos descreviam lugares e épocas idealizados como harmoniosos, felizes e abundantes em bem-estar, numa conhecida busca de retorno aos "bons tempos", de retorno ao paraíso perdido. E continuariam a fazê-lo intensamente pelos séculos seguintes.

Entretanto, infelizmente, assim como somos seres muito criativos e, espantosamente, todo e qualquer ser humano jure buscar "o bem de todos", também não há bem ou virtude que a mão humana não degenera. Desta forma, o significado original de "*utopia*" como "o bom lugar" foi sendo malbaratado e vilipendiado de maneira tal a originar, ao longo de tantos maus tratos, significados muito distintos e até mesmo opostos ao que Thomas Morus lhe emprestou.

Assim é que hoje as mais frequentes referências do tal senso comum a "*utopia*" não procuram associá-la a "*qualquer descrição imaginativa de uma sociedade ideal, fundamentada em leis justas e em instituições político-econômicas verdadeiramente comprometidas com o bem-estar da coletividade*", mas sim buscam atribuir-lhe a pecha de "*projeto de natureza irrealizável, idéia generosa, porém, impraticável, uma quimera, uma*

fantasia" ou "coisa de poeta ou filósofo".

Entretanto, "*A Utopia*" é muito mais: não apenas acena com um outro mundo desejado e possível; ela constitui-se numa profunda e crítica análise da forma como as sociedades européias se organizavam e estavam prestes a se reorganizar, submetidas a partir de então a uma lógica mercantilista (onde tudo é mercadoria) que iniciava a conquista de corações, mentes e o resto do mundo humano, o começo da substituição de um tipo de escravatura por outro, mais sofisticado e perverso. Após 500 anos e em plena vigência do capitalismo em sua fase de barbárie, qualquer semelhança não é mera coincidência.

Em sua concepção mais atual, "*utopia*" é a "*imagem de um desejo*", é "*a promessa de felicidade*" e, como diz o historiador inglês A. L. Morton, "*a história das utopias reflete as condições de vida e as aspirações dos indivíduos e das classes sociais em diferentes épocas da história*".

Para sociólogos como Karl Mannheim (húngaro, 1893-1947) ou filósofos como Ernst Bloch (alemão, 1885-1977), é "*projeto alternativo de organização social capaz de indicar potencialidades realizáveis e concretas em uma determinada ordem política constituída*,

contribuindo desta maneira para sua transformação".

Qual a nossa utopia?

Como nos alertava nosso grande educador Paulo Freire, "*não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, se temos adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade alcança mudar.*"

Nunca será demais lembrar ainda uma vez Winston Churchill, quando em 1936 procurava em vão alertar seu país quanto aos perigos do nazismo emergente:

"A era da procrastinação, das meias-medidas, das ações de curto prazo, dos adiamentos, está terminando. Em seu lugar estamos entrando no período das consequências."

E ainda Fernando Pessoa:

"Pedras no caminho? Guardo todas, um dia vou construir um castelo..." "Tudo vale a pena quando a alma não é pequena."

Concluiremos na próxima.

Democracia e Utopia (4)

Artigo 34, publicado no Correio da Serra, Santo Antonio do Pinhal, SP, edição de Mar 2009

Capítulo Dez: então para concluir nossa reflexão sobre a relação entre Democracia e Utopia.

Nossa jornada até este ponto buscou lançar algumas luzes sobre aspectos da vida amiúde obscurecidos ora pelo desconhecimento, ora pela falta de coragem, ora pelo fato apontado no artigo *Sustentabilidade e Cidadania* (Set 2008):

"o maior ardil estabelecido [pela lógica mercantilista do capital e dos acumuladores] consiste em tomar todas as nossas energias, todo nosso tempo, numa eterna e angustiante luta pela sobrevivência, numa moderníssima escravatura".

Em seu excelente documentário "*Uma Verdade Inconveniente*", o quase presidente americano Albert Gore Jr nos lembra uma sagaz observação de Upton Sinclair (1878-1968, estadunidense), escritor, jornalista e ativista político:

"É difícil conseguir que um homem comprehenda uma coisa quando o seu salário depende de ele não comprehendê-la."

O escritor Octavio Paz (1914-1998, mexicano), diplomata e Nobel de Literatura, nos diz:

"As massas humanas mais perigosas são aquelas em cujas veias foi injetado o veneno do medo... do medo à mudança."

O que há para transformar, tendo em vista o bem comum? E se há, então como e quando?

Há pouco mais de 20 anos atrás, sem o perceber e desprezando os alertas de incêndio de inúmeros pensadores e pesquisadores, a humanidade cruzou um perigosíssimo limiar: passamos a gastar mais do que ganhamos, ou seja, em nossa relação com o planeta Terra passamos a consumir mais recursos do que os processos naturais do planeta

conseguem repor; e a cada ano agravamos ainda mais este desgaste (o aumento das taxas dos gases do efeito estufa é apenas um dos aspectos). Qualquer dona de casa responsável poderá nos ensinar qual o resultado desta insanidade.

Caminhamos rapidamente para sermos 7 bilhões de seres humanos simultaneamente vivos sobre o planeta. Muitos bilhões de humanos já existiram nestes últimos 3 milhões de anos e consumiram, mas sem maiores consequências, uns mais, outros menos, o necessário para existir.

Porém, no caso do *Homo sapiens* (os últimos 150 mil anos), particularmente nos derradeiros 10 mil anos e intensamente nos últimos 500 anos, uma parcela ínfima passou a consumir ou acumular muito mais do que o necessário e suficiente para si, obviamente em detrimento da imensa maioria, senão a quase totalidade, dos demais. A maneira como isto é feito foi se tornando cada vez mais complexa, sofisticada e perversa, não obstante os benefícios e avanços que a acompanharam. Contudo, em sua essência não houve mudança: como diz a sabedoria popular, o homem continua a ser o lobo do homem.

A mensagem urgente é que um outro mundo não apenas é possível, mas é sobretudo **necessário**.

Honestidade, transparéncia, participação não são virtudes elogáveis: para um mundo saudável, são **rigorosamente pressupostos**, é condição insubstituível quer para os governos e governantes, quer para os cidadãos em geral.

Portanto, quando vemos as ações dos nossos governos e governantes, de nossos líderes, empreendedores e cidadãos, cabe-nos sempre indagar: está a democracia se fortalecendo? Está a educação avançando? Está o

tecido social se adensando? Está a equidade entre os cidadãos (justiça social) se ampliando? Como anda a *res publica* (a coisa pública)? Deixaremos um mundo melhor e o suficiente para que os que nos sucederão possam fazer sua parte? Estas questões são válidas pensemos no Brasil, em Santo Antonio do Pinhal ou mesmo no mundo.

O corajoso pensamento do escritor francês André Gide (1869-1951) nos estimula:

"O mundo só poderá ser salvo, caso o possa ser, pelos insubmissos."

"Se não fizeres isto, quem o fará? Se não o fazes logo, quando será?"

Paulo Freire (1921-1997, brasileiro), pedagogo, formado em Direito, um dos maiores educadores de nossa época, nos aponta um caminho:

"A melhor maneira que a gente tem de fazer possível amanhã alguma coisa que não é possível ser feita hoje, é fazer hoje aquilo que hoje pode ser feito. Mas se eu não fizer hoje o que hoje pode ser feito e tentar fazer hoje o que hoje não pode ser feito, dificilmente eu farei amanhã o que hoje também não pude fazer..."

Sêneca (4 a.C.-65 d.C.), filósofo romano contemporâneo de Jesus de Nazaré, observou:

"Se uma pequena luz te atrai, segue-a; se te conduz ao pântano, logo sairás dele. Mas, se não a segues, toda a vida te mortificarás pensando que talvez fosse a tua estrela..."

Certa vez, ao lhe perguntarem para quê serviriam as utopias, o escritor Eduardo Galeano respondeu:

"A utopia está lá no horizonte. Aproximo-me dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais

que eu caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar."

Vejo o aprofundamento da democratização como a melhor solução possível, senão a única, o espalhamento e o enraizamento da compreensão de nossa interdependência, de nossa impermanência e do simples fato de que a vida e seu avanço dependem de cooperação e revezamento, como bem o sabemos os que se dedicaram a conhecer o surgimento e desenvolvimento da vida na Terra.

É urgente prover a cada um o suficiente e conforme suas necessidades, dele recebendo e aceitando segundo suas possibilidades. Isto é pura ecologia (v. *Desenvolvimento e Sustentabilidade*, Jul 2008).

Vejo a (grande) utopia feita de muitas (pequenas) utopias, não como um todo pronta e de repente, mas como no surgimento das terras emersas nos tempos iniciais da Terra: ilhas, arquipélagos, acréscimos para então formar um continente.

A utopia de um mundo melhor, uma vida melhor, só está ao alcance da realização se antes de mais nada compreendemos a natureza dos males que nos afligem. Assim, não é a natureza que deve ser humanizada; nós é que precisamos ser (re)naturalizados.

A grande utopia é permitir-se a coragem de **olhar** e a ousadia de **compreender**; e então **agir**.

Nos próximos artigos abriremos um último e especial capítulo, o das conclusões possíveis sobre o que abordamos nestes dez capítulos desta jornada, tratando, por exemplo, do estado da democracia, de renda básica de cidadania, projetos e caminhos para mudança e mais.